



FIOCRUZ

Concurso Público Fiocruz 2023

Pesquisador em Saúde Pública

Prova Discursiva

**PE18 - Populações vulnerabilizadas,
grupos étnicos, políticas públicas e
equidade social**



Questão 01

Em publicação feita na Revista de Saúde Pública, vol. 44:3, 2010, o antropólogo catalão Angel Martínez-Hernández fez uma análise acurada sobre as dificuldades de articulação entre as premissas que orientam a noção de promoção da saúde, pautadas pelos determinantes sociais, exercício da democracia participativa e empoderamento dos grupos organizados da sociedade civil, e as práticas educativas correntemente desenvolvidas nos sistemas oficiais de saúde. De acordo com o autor, as campanhas de educação em saúde desenvolvidas através dos meios de comunicação de massa “[...] partem de princípios verticalizados na estrutura da intervenção. A lógica subjacente nesses casos é que o “envio” da informação “correta” e “científica” é suficiente para a transformação das normas de comportamento sexual em relação ao HIV/Aids, diminuição do consumo de álcool entre a população adulta, que os adolescentes “digam não” às drogas ou que, de repente, e como efeito das artes de persuasão da publicidade, diminua o número de acidentes fatais na estrada” (Martínez-Hernández, 2010:400).

O autor prossegue apontando o caráter monológico de tais práticas educativas, que não se limitam a informar, mas também buscam influenciar e modificar os comportamentos considerados pouco saudáveis pelo saber biomédico. Aponta como uma das principais características desse modelo e prática educativa à ideia subjacente da existência de “[...] um tipo de sujeito universal, racional na tomada de decisões em matéria de saúde, [que] limita a possibilidade de um conhecimento sobre a realidade local e, em consequência, uma relação dialógica com ela. Esse é o caso do modelo *Precede-Proceed* de Green e do “Modelo de Crença em Saúde” (*Health Belief Model – HBM*), que se caracterizam por defender uma aproximação individualista e fragmentada das realidades sociais com as quais trabalha o educador sanitário. Tanto a partir das iniciativas informativas como das iniciativas comportamentalistas, é constituída uma representação passiva dos grupos sociais, pois seus saberes e atitudes são considerados leigos e suas condutas são vistas como resultado da falta de informação” (*ibid*, 2010:401).

Para o supracitado autor, tais práticas educativas são baseadas num sistema de comunicação unilinear ou monológico, em que “[...] o coletivo dos usuários é percebido como “vazio” de conhecimentos que a educação em saúde deve preencher ou como um recipiente “cheio” de preconceitos, superstições e erros que os profissionais devem erradicar mediante a informação e a persuasão. Em ambos os casos, os usuários são configurados pela subcultura profissional como um recipiente passivo que pode ser “preenchido” ou “esvaziado” a partir das intervenções educativas” (*ibid*, 2010:401-402).

Tomando essas premissas analíticas como base, desenvolva os itens abaixo em um texto com o mínimo de 50 e o máximo de 150 linhas.

- 1) O(s) marco(s) teórico(s) que guiaram sua formação e vêm orientando sua atuação no campo da educação em saúde. Pede-se que se aponte com clareza as teorias e autores que fundamentam sua expertise no campo da educação em saúde;
- 2) Uma crítica fundamentada sobre as práticas convencionais de educação em saúde baseadas no modelo monológico de comunicação.

Pede-se que a resposta também demonstre as potenciais razões pelas quais a informação técnica de base biológica que é habitual nas campanhas educativas em saúde - que ignora os valores, as culturas de origem e condições de vida dos usuários de serviços de saúde que são os destinatários das mensagens educativas - tende a fracassar em seus propósitos de gerar mudanças de comportamento a partir da disseminação da informação;

- 3) Sua experiência de pesquisa e/ou de atuação profissional no campo da educação em saúde, promoção da saúde e movimentos sociais que atuam no campo da saúde.

Questão 02

Tendo como base o fragmento de texto abaixo, extraído do livro “A Terra dá. A Terra quer.”, de Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), e em diálogo com os pensamentos pós-coloniais, decoloniais e/ou contracoloniais, em um texto com o mínimo de 50 e o máximo de 150 linhas, disserte sobre:

- a) A relação entre educação, saúde e cultura, enfocando as disputas entre abordagens teórico-conceituais sobre a produção de conhecimentos e a colonização do saber. Considere as proposições de Nego Bispo relativas às ideias de “*envolvimento*”, “*confluência*”, “*compartilhamento*” e “*contracolonização*”.
- b) A dimensão da cultura e da educação na compreensão das determinações sociais do processo saúde-doença e na análise da situação de saúde;
- c) Os desafios para os serviços públicos de saúde e a participação social, considerando os diálogos entre atores sociais para o enfrentamento dos racismos na saúde e de outras injustiças sociais, sanitárias e ambientais em/com territórios e grupos sociais vulnerabilizados.

“Nos primeiros passos da minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia. Os pássaros nos avisavam se ia chover, se ia ter sol ou se o céu ficaria nublado. Informado por eles, ainda antes de me levantar, eu já tinha a noção de como seria o dia.

Outro pulsar das memórias de criança é o caminho da roça, que fazíamos junto às gerações mais velhas, a geração mãe e a geração avó. Ouvíamos a sonoridade emitida pela mata, a partir do movimento do vento e das águas dos riachos, rios e das cachoeiras, dependendo de por onde passávamos.

No caminho da roça, os pássaros continuavam com as suas cantigas, comemorando a fartura que haviam encontrado ao colher os frutos das árvores. Eles também nos contavam sobre outras vidas que passavam por perto naquele momento, fosse por uma questão de segurança e proteção ou apenas anunciando que o ambiente estava sendo ampliado com mais presenças. Essas são memórias recorrentes, para as quais eu volto sempre que encontro um obstáculo na minha caminhada. É onde me reanimo e é de onde sou novamente remetido, agora com uma força maior, que ultrapassa os obstáculos e dá continuidade ao percurso.

Pulsam também as memórias de amanhecer em uma casa construída com materiais locais, com uma parte do teto feita de telhas de adobe cru e outra parte feita de palha e madeira. A parte da casa levantada com adobe cru e teto de telha era o cômodo em que dormíamos. Como o clima tendia a ser mais ameno à noite, aquele era o espaço adequado para dormir.

A parte da casa com paredes de taipa e teto de palha, por incrível que pareça, apesar do risco do fogo era o espaço da cozinha, exatamente porque as palhas e a taipa são térmicas. Aquele espaço esquentava menos durante o dia, e era onde se acendia a fôrnelha a lenha. O outro cômodo, de teto de palha e paredes feitas com varas secas, era onde se realizavam atividades coletivas como o tear, pois o espaço onde se tecia precisava ser mais ventilado. A nossa arquitetura era adequada às atividades praticadas ao longo do dia em cada um dos seus espaços.

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta.

Há adestradores que batem e há adestradores que fazem carinho; há adestradores que castigam e adestradores que dão comida para viciar, mas todos são adestradores. E todo adestramento tem a mesma finalidade: fazer trabalhar ou produzir objetos de estimação e satisfação. Contudo, não são todos os animais que conseguimos adestrar. Alguns ficam atrofiados fisicamente – quando se exige do animal um esforço físico para além do que é capaz. Outros ficam atrofiados mentalmente – quando o animal recebe um choque mental violento.

De modo análogo, temos pessoas atrofiadas: pessoas que não foram adestradas para servir ao trabalho, mas que também não conseguem ser malandras. Pessoas adestradas para que não tenham um imaginário, para que não consigam fazer sua autogestão. Pessoas que não aprenderam a fazer nada nem aprenderam a extrair do que está feito. Pessoas atrofiadas que perambulam sem saber aonde ir. Ou ainda, pessoas que foram adestradas e terminaram transformadas numa população trabalhadora flutuante, que passa uma temporada no Sul ou no Sudeste, em servidão salarial, e retorna.

Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também. Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las.

Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las.

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?”. E respondi: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer *desenvolvimento*, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra *desenvolvimento*. Porque a palavra boa é *envolvimento*”.

Para enfraquecer o *desenvolvimento sustentável*, nós trouxemos a *biointeração*; para a *coincidência*, trouxemos a *confluência*; para o saber *sintético*, o saber *orgânico*; para o *transporte*, a *transfluência*; para o *dinheiro* (ou a troca), o *compartilhamento*; para a *colonização*, a *contracolonização*... e assim por diante. Ele entendeu esse jogo de palavras: “Você tem toda a razão! Vamos botar mais palavras dentro da língua portuguesa. E vamos botar palavras que os próprios eurocolonizadores não têm coragem de falar!”.

Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. Enchem a língua como quem enche uma linguça. E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou. Temos que enfeitiçar a língua. Posso dizer que sou feiticeiro, qual é o problema? Mas sou feiticeiro e milagreiro, porque sou politeísta e sei fazer o efeito tanto pelo milagre como pelo feitiço.

Semei as palavras *biointeração*, *confluência*, *saber orgânico*, *saber sintético*, *saber circular*, *saber linear*, *colonialismo*, *contracolonialismo*... Semei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas. Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes. Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra *biointeração* germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi *confluência*. Não tenho dúvida de que a *confluência* é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a *confluência*, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso.” Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo*) em: A Terra dá. A Terra quer.

* Poeta, escritor, professor, lavrador, ativista político e militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra, Nêgo Bispo nasceu em 1959, no Vale do Rio Berengas, Piauí, integrava o quilombo Saco Curtume, município de São João do Piauí. Foi o primeiro membro da sua família a ter acesso à alfabetização, completando o ensino fundamental. Faleceu em 03/12/2023, deixando um legado enorme para o pensamento e ação política para defesa da vida em territórios vulnerabilizados.

Rascunho da Questão 01

RASCUNHO

Rascunho da Questão 01

RASCUNHO

Rascunho da Questão 01

RASCUNHO

Rascunho da Questão 01

RASCUNHO

Rascunho da Questão 01

RASCUNHO

Rascunho da Questão 02

RASCUNHO

Rascunho da Questão 02

RASCUNHO

Rascunho da Questão 02

RASCUNHO

Rascunho da Questão 02

RASCUNHO

Rascunho da Questão 02

RASCUNHO

Instruções - Questões Discursivas

1. Cada questão discursiva deverá ter um Limite mínimo de 50 linhas e máximo de 150 linhas.
2. Transcreva sua resposta para a parte pautada no Caderno de Respostas. Não assine, rubrique ou coloque qualquer marca que o identifique, sob pena de ter sua prova anulada. Assim, a detecção de qualquer marca identificadora no espaço destinado à transcrição do texto definitivo acarretará nota ZERO na respectiva prova discursiva.
3. O tempo total de duração da prova será de 4 (quatro) horas, incluindo o tempo para o preenchimento da Resposta Definitiva da Questão Discursiva. Nenhum rascunho **SERÁ LEVADO EM CONTA**.
4. Verifique se a prova é para o **PERFIL** para o qual concorre.
5. Somente após autorizado o início da prova, verifique se este Caderno de Questões está completo e em ordem. **Folhear o Caderno de Questões antes do início da prova implica na eliminação do candidato.**
6. Verifique, no **Caderno de Respostas**, se seu nome, número de inscrição, identidade e data de nascimento estão corretos. Caso contrário, comunique ao fiscal de sala.
7. O rascunho do **Caderno de Questões** poderá ser utilizado para anotações, mas somente as respostas assinaladas no **Caderno de Respostas** serão objeto de correção.
8. Observe as seguintes recomendações relativas ao **Caderno de Respostas**:
 - . não haverá substituição por erro do candidato;
 - . não pode ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou conter qualquer registro fora dos locais destinados às respostas;
9. O fiscal não está autorizado a alterar quaisquer dessas instruções.
10. Você só poderá retirar-se da sala após 60 minutos do início da prova.
11. Quaisquer anotações só serão permitidas se feitas no **Caderno de Respostas**.
12. Os três últimos candidatos deverão permanecer na sala até que o último candidato entregue o **Caderno de Respostas**.
13. Ao terminar a prova, entregue ao fiscal de sala, **obrigatoriamente**, o **Caderno de Questões** e o **Caderno de Respostas**.